

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 29

Data: 10/12/75 Pg.: _____

Guajajaras vão conhecer hoje o acordo de terras

ESP- 10.12.75

Do correspondente e
da Sucursal

O prefeito de Grajaú, Alfredo Falcão, concordou em adquirir parte das terras em poder dos padres capuchinhos, localizadas dentro da reserva dos índios guajajaras, e permitir a sua reincorporação ao patrimônio indígena. Em troca, a Funai concordou em abrir mão de uma área localizada num dos extremos da reserva, onde serão abrigados os colonos brancos que atualmente ocupam aquelas terras.

Esse acordo — obtido depois de três horas de reunião, no gabinete do delegado regional da Funai, em São Luiz; José Raimundo Renor — deverá ainda ser submetido à aprovação das 13 aldeias guajajaras localizadas no posto indígena de Canabrava. A proposta será levada aos caciques pelo chefe do posto, Elomar Gerhardt, que ainda hoje voltará à região. Segundo o delegado da Funai, "a nossa decisão será a que for tomada pelos índios; manteremos tudo aquilo que for decidido por eles". Renor acredita que é obrigação da Funai procurar, por todos os meios possíveis, encontrar uma solução para o problema da invasão das áreas indígenas. Mas, ressaltou, "é nosso dever também submeter as nossas decisões à aprovação do índio, pois de nada adianta resolvermos no gabinete coisas com as quais eles não concordam".

É muito difícil prever qual será a reação dos guajajaras ao acordo, uma vez que os índios são favoráveis à retirada total dos invasores, brancos de suas terras e a solução encontrada está longe de resolver o problema. Pela proposta, a maior parte dos 10 mil civilizados brancos que ocupam atualmente na área indígena deverão permanecer na região, já que dos mais de 10 mil hectares invadidos a Funai terá de volta apenas cerca de dois mil hectares, justamente as áreas menos povoadas. Somente os capuchinhos possuem

cerca de nove mil hectares dentro da reserva que, somados à área ocupada pelos povoados de São Pedro e Centro Velho, atingem a quase 15 mil hectares. Pelo acordo, a Funai recupera a área mais próxima das aldeias e mantém os três povoados existentes: Alto Alegre, São Pedro e Centro Velho.

Esse acordo surgiu em decorrência da forma como foi dirigido o debate do problema durante a reunião. Primeiramente, o prefeito de Barra do Corda ignorou o convite que lhe foi feito para participar da reunião. Depois, a Funai, o prefeito de Grajaú e os padres capuchinhos trataram dos problemas das terras isoladamente, sem aprofundar a questão da sua ocupação pelo branco e da presença dos colonos próxima demais dos índios. Assim, a Funai retomará algumas áreas já inteiramente devastadas e permitirá que mais de 10 mil colonos brancos permaneçam dentro da reserva.

Na verdade, a Funai acredita que os povoados de São Pedro e Alto Alegre encontram-se num estágio irreversível e, a partir desse ponto de vista, passou a agir de modo a recuperar as áreas que fossem possíveis, abrindo mão do restante. Seu trabalho, portanto, é muito mais de obter a compreensão do índio para essa situação, principalmente porque não contou, até agora, com a necessária ajuda do governo do Estado. Só que essa posição contrária, em grande parte, o trabalho de conscientização que o órgão procura desenvolver junto aos grupos tribais.

Assim, é provável que os guajajaras percebam os riscos que o acordo representa, o que significaria uma recusa à solução. E, ainda que o acordo seja aceito, não se passará muito tempo até que ocorram novos conflitos entre índios e invasores. Por causa da reduzida área disponível para os quase 10 mil colonos e do método itinerante de plantio utilizado por eles, em pouco tempo a terra estará esgotada e os brancos voltarão a fazer seus roçados dentro da área dos índios.

A Funai não pretende organizar qualquer expedição para atrair os índios cabeças-secas ou zorós, de Rondonia, até que seja realizado um amplo estudo da área de perambulação desses índios, para posterior interdição. A afirmação foi feita ontem em Brasília, pelo presiden-

te da Funai, general Ismarth de Araujo Oliveira, ao comentar as afirmações do sertanista Apoena Meirelles de que seria importante realizar uma expedição de contato junto aos cabeças-secas, mas que deveriam ser tomadas medidas para que não se repetisse o mesmo problema verificado com os suruí e cintas-largas. Esses índios, logo após o contato, tiveram sua aldeia invadida por colonos levados pela imobiliária Itaporanga, contraíram várias doenças e muitos abandonaram suas comunidades, passando a viver como marginais à sociedade branca.

O general disse que concorda inteiramente com a posição defendida pelo sertanista, que segundo ele seria a pessoa indicada para chefiar a expedição. "Hoje em dia — afirmou o presidente da Funai — enfrentamos graves problemas na área. Por isso, queremos, de agora em diante, procurar garantir legalmente a terra dos índios ainda isolados, antes de promover seu contato com o mundo civilizado".

Disse ainda o general Ismarth que só no próximo ano a Coordenadoria da Amazonia da Funai determinará quais as expedições de atração que terão prioridade em 1976.

Ontem, o general Ismarth de Araujo Oliveira enviou um telegrama ao jornalista Julio de Mesquita Neto, diretor de "O Estado", cumprimentando-o pela publicação, no último domingo, da reportagem "Extinção ameaça nhambiquaras". É a seguinte a íntegra do telegrama: "Cumprimento v. s. pela excelente reportagem publicada por esse prestigioso jornal dia 7 do corrente. A jornalista retratou com fidelidade a situação dos índios nhambiquaras do vale do Guaporé. A mesma representará grande ajuda à Funai para solução do problema".